

## AOS 7 E AOS 40: UMA CONVERSA SOBRE A VIDA

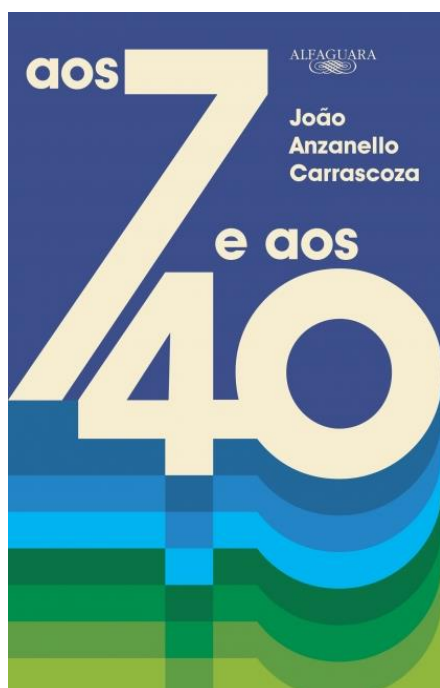
### AT 7 AND AT 40: A DIALOGUE ABOUT LIFE

### A LOS 7 Y A LOS 40: UNA CONVERSACIÓN SOBRE LA VIDA

CARRASCOZA, João Anzanello. Aos 7 e aos 40. 1ª edição. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016. Reimpresso em 2018. 112 páginas

*Éramos para ser folheados, lidos e relidos?*

João Anzanello Carrascoza<sup>1</sup>



O Livro Aos 7 e aos 40, de João Anzanello Carrascoza, lançado em 2016 pela Editora Alfaguara e reimpresso em 2018, é um livro leve, simples e sugestão de leitura para aqueles que sabem valorizar vozes narrativas contemporâneas que nos levem a habitar outros tempos e espaços, em tempos de tantas gritarias, palavras e almas servidas a galopes no mercado capitalístico. É um livro-convite à vida, à poesia e às artes do narrar no nosso tempo.

Desde o título, anuncia-se uma conversa dos momentos da vida e suas estações, a vida e seus tempos, dois mundos que se encontram ou se afastam, expandem-se e se retraem no cotidiano silencioso e quase indizível da meninice e da vida adulta. Com voz suave, desenhando o cotidiano narrado, os protagonistas-narradores dividem-se em contar seus mundos, seus olhares, emoções e afetos nas 112 páginas, em loopings e zooms constantes e ritmados. É preciso prestar atenção em cada imagem, em cada detalhe e neles se perder, levantando a cabeça quantas vezes forem necessárias, como ensinou o mestre Roland Barthes (2004), “Nunca lhe aconteceu, o ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?” (BARTHES, 2004, p. 26).

A narrativa de Carrascoza nos pede para levantar a cabeça muitas vezes e junto com o gesto de escutar a potência delicada de cada imagem em movimento entre verbos, nomes e pronomes, descrições, emoções, sonhos, entregamo-nos à proliferação imagética da leitura, a possessão, nas palavras de Dennis Radünz (2009):

Ler é impulsão, porque pede um aceno do corpo inteiro, no raro instante em que do físico parte um gesto na direção do que é imaterial, coisa mental, objeto da palavra. Ler é também pulsão, porque se faz dos ritmos do idioma e suas pausas de respiro. É pulsação de palavras, entre o som e o sentido. Ler não é natural, não se situa no sujeito, não se situa no objeto. Ultrapassa-os.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina/Prefeitura Municipal de Florianópolis – Florianópolis – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8402-8216>

Imanta-os. Ler é precipício atravessado, em serenidade ou sobressalto, quando alcanças, lendo a sobrenatureza do mundo decifrado. A sobrenatureza de que ainda estamos sendo feitos. Ler para nos lermos. (RADÜNZ, 2009, p. 39)

E entre o levantar a cabeça de Roland Barthes (2004) e a leitura como possessão, de Dennis Radünz, chamamos também à conversa Paulo Freire e sua pedagogia de leitura. Segundo Freire (1989/2015), a leitura de mundo precede a leitura da palavra e a alimenta. O que temos, então, na narrativa de Carrascoza, é a conversa infinita con-fiada nos ditos e não ditos, nas relações silenciosas e nem tão harmoniosas entre os discursos e os gestos, entre a palavra e o mundo, entre a leitura e nossa vida.

O livro é dividido em 12 capítulos/momentos que formam pares em dança de sentidos: *depressal devagar, leitura/escritura, nunca mais/para sempre, dia/ noite, silêncio/ som, fim / recomeço* e desenham um movimento entre dois momentos de vida, de um menino e de um adulto. Os sentidos antagônicos dessas palavras já anunciam o jogo de sentidos da vida que costura o fio das histórias que se enovelam. Durante a leitura, é como se golpes de delicadeza nos transportassem para outros mundos: outros olhos, outros modos sensíveis de ver e sentir, a compreensão, o desejo, o clarão inebriante da vida narrado em sua concretude material e simbólica.

Se a voz do menino vem narrada em prosa, contínua, num fio grande de uma pipa que alça voo pela vida, já a voz do homem vem desenhada em versos, entremeados de linhas incompletas, perenes, vazios, silêncios, cortes nas cenas vividas, inconclusões. Espaços vãos da memória. Ou mesmo a gagueira adulta diante do desencanto e da dúvida, daquilo que não pode ser narrado ou poetizado...

Os tons desenhados nas palavras dos narradores nos fazem embrenhar na floresta de memórias e dos cotidianos: a prima que apressa a meninice; a mãe que ensina a ler gente, a mãe lavando louça e o pai assistindo ao futebol, o silêncio que sangra a escritura e sangra também uma manhã, a secura de uma viagem sem volta, o dia distraído à sombra das mangueiras, o lado de fora da noite, o menino que se afasta e aprende a ler gentes e ausências e o fio da pipa comandado pelos ventos da vida: brisas, tornados, tufões, furacões.

Um dos momentos mais poéticos e ensinantes, lembrando Paulo Freire (1989, 2015) e sua importante leitura de mundo, sua palavra-mundo tão atual e necessária, o narrador ainda menino que “estava aprendendo a ler e a escrever e me encantava descobrir como uma letra se abraçava à outra para formar uma palavra, e como as palavras, úmidas de tinta, ganhavam um novo rosto, quando escritas no papel”. (Carrascoza, 2016, p. 18). Ele, menino, que um dia, fora espantado por sua mãe ao lhe prometer que ele e o irmão um dia iriam não apenas ler as palavras, mas tudo ao redor “inclusive as pessoas.” (p. 18). E continua com seu espanto:

Então eu era um livro, ele (o irmão) outro, o pai também? E todo mundo uma escrita, com suas letras, seus pés e seus bês, seus capítulos? Éramos para ser folheados, lidos e relidos? Vendonôz atônitos, ela moveu os braços, como se espantasse galinhas, e disse, *Logo vocês vão crescer e entender*”. (CARRASCOZA, 2016, grifos do autor, p. 18).

Tal ensinamento, daqueles jamais esquecidos, acompanha os narradores do livro sugerindo a nós, leitores-escritores, gestos e significados a nossas vidas e experiências, afirmando que a tarefa anunciada por Paulo Freire e por tanto estudiosos da cultura continue sendo assumida e narrada em

nossos espaços e tempos da vida e da educação, ora em tons mais suaves, ora em tons de cinza, mas não menos pungentes, no movimento intenso e descontínuo da vida, como faz Carrascoza (2016/2018) em seu livro.

Por isso, o livro é uma dica de leitura aos amantes das artes do narrar e também àqueles que as pesquisam e as afirmam como lugares habitáveis e pedagógicos no agora. É leitura prazerosa e engajada àqueles que sabem o quanto a vida se insinua nas palavras, o quanto há vida nas formas literárias e quanto os modos de contar e expressar estão imbricados em nossa existência humana, como condição e como possibilidade de significarem poeticamente nosso caminho pelo tecido da vida e da cultura.

Benjamin (2012, p. 239) nos ajuda a compreender a importância do narrar ao proclamar a vida como matéria-prima artesanal da existência narrativa: “podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre narrador e sua matéria - a vida humana - não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria prima da experiência - a própria e a alheia - transformando-a num produto sólido, útil e único?”.

O livro, então, nos leva a mergulhar nessa conversa miúda que travamos conscientes ou não, com os momentos da vida que constituem nosso ser, nossa passagem pelo mundo: as meninices que teimam em reluzir, mesmo num mundo tão desfigurado pelas urgências materiais em detrimento aos afetos e emoções. As meninices, compartilhadas numa roda familiar, numa história contada ao filho, num romance, numa canção, num conto ou poema. As meninices que resistem à truculência das maquinarias velhas e enferrujadas de um projeto de mundo em decadência.

Ainda com Benjamin (2012) relembremos também a imagem da escada que nos trouxe o filósofo e nos faz ler, em Carrascoza (2016/2018), sua maestria ao narrar:

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como uma escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens - é a imagem de uma experiência coletiva, para qual mesmo o mais profundo choque de experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento. (BENJAMIN, 2012, p. 232).

A imagem da escada proposto pelo autor muito bem nos faz entender que na narrativa de Carrascoza (2016/2018) lemos os elos que unem passado, presente e futuro. E que as palavras e seus verbos, suas marcações temporais e verbais nos ajudam, enfim, a nos encontrarmos dentro do fluxo natural da vida que segue, nos rios da vida que desatinam a correr além das rédeas do pragmatismo que fere, da razão que teima em ler e entender a vida. A imagem da escada de Benjamin (2012) nos faz admitir uma voz que soa íntima e universal. Localizada mas plural. Próxima, cadente, mas radicalmente humana.

No coração do texto, na leitura distraída e atenta ao mesmo tempo, travamos a conversa infinita entre tempos, gentes, espaços que nos habitam: imagens poéticas ou não que nos constituíram nas relações humanas, temporais e espaciais, com o lado de fora enfim: quantas sombras de árvores habitam nossas memórias, quantas bolas que invadiram as casas do vizinho, quantos sonhos se derretendo ao sol quente das relações maritais, a falência e a potência dos afetos que resistem e ensinam. Como, com sua voz, conseguimos caminhar nessa escada que conecta o rés-do-chão do

cotidiano aos nossos mais íntimos segredos, cicatrizes e sonhos. Caminhamos, com o escritor, entre as imagens e momentos de nossa vida, ora se projetando ao nosso passado, ora se lançando ao sonho, ao indizível, ao que o nosso mundo interior tem de belo e de espanto em contato com o que nos circunda.

Como ensinou Carrascoza (2016/2018) e Paulo Freire (1989,2015), o livro nos ajuda a seguir em frente, lendo: lendo as palavras, o mundo, a palavra-mundo, e os mundos que habitam as palavras, a ler a vida, as pessoas e a si mesmo, tarefa assumida por aqueles que sabem a importância das narrativas no contemporâneo como reavivamento do encontro e da construção do comum, que nos fazem habitar imagens e tempos tão raros, na claridade excessiva do mundo demasiadamente dito. Tarefa a ser assumida também àqueles que leem com olhar cuidadoso nossos meninos e meninas que habitam nossos bancos escolares, porque sabem a importância dessa fase da vida na constituição da subjetividade humana e o quanto as expressões artísticas podem ajudar a ler a vida com um pouco mais de encantamento, esperança e sonho em contraponto à barbárie semiológica que tanto envergonha nossa humanidade produzindo a incomunicação, o emudecimento, o silêncio e dor.

Porque tanto *Aos 7 e aos 40*, há a vida que ensina, que se ensina, que educa, que se lê, que vive e que segue, narrando e sendo narrada na interação infinita com o mundo sensível, mesmo com tantas transformações nos tecidos cotidianos da educação e da cultura. Aos 7 e aos 40, lemos e escrevemos nossos mundos, ora se projetando ao além e aos sonhos e ora habitando os lampejos reluzentes das memórias e dos afetos que nos fizeram e nos fazem ler e habitar nossos presentes de outra maneira, um pouco mais atentos, talvez, ao que verdadeiramente importa.

## REFERÊNCIAS

1. BARTHES, Roland. **O Rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

2. BENJAMIN, Walter. *O Narrador* in **Magia e Técnica**, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. 8. ed. revista. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012 p. 213-240
3. CARRASCOZA, João Anzanello. **Aos 7 e aos 40**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
4. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
5. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. Organização e participação Ana Maria de Araújo Freire. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
6. RADÜNZ, Dennis. **Cidades Marinhas**: Solidões moradas. Florianópolis: Lábias, 2009.

### **Cristiane Guimarães**

Doutoranda em Educação PPGE/UFSC. Professora de Língua Portuguesa. Mãe de João, Melissa e Flora. Pesquisa as relações entre leitura, escrita, vida, cotidiano, memória e linguagens contemporâneas.

### **Como citar este documento**

GUIMARÃES, Cristiane. Aos 7 e aos 40: uma conversa sobre a vida. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 1, jan. 2020. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14201>>. Acesso em: \_\_\_\_\_. doi:<https://doi.org/10.17058/rea.v28i1.14201>.